



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS VI- POETA PINTO DO MONTEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
PORTUGUÊS

**MATEUS LIMA NEVES**

**A SUBJETIVIDADE HOMOAFETIVA EM  
“SARGENTO GARCIA” E “AQUELES DOIS”, DE  
CAIO FERNANDO ABREU.**

MONTEIRO/PB  
2024

**MATEUS LIMA NEVES**

**A SUBJETIVIDADE HOMOAFETIVA EM  
“SARGENTO GARCIA” E “AQUELES DOIS”, DE  
CAIO FERNANDO ABREU.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Letras/Português da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito para obtenção do título  
de Licenciatura em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Fernandes dos Santos.

MONTEIRO/PB  
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N518s Neves, Mateus Lima.

A subjetividade homoafetiva em "Sargento Garcia" e "Aqueles dois", de Caio Fernando Abreu [manuscrito] / Mateus Lima Neves. - 2024.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Rogério Fernandes dos Santos, Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Homoafetividade. 2. Homossexualidade. 3. Literatura. 4. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 801.95

Elaborada por Talita R. Bezerra - CRB - 15/970

Biblioteca  
José  
Rafael de  
Menezes

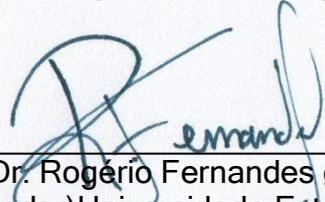
**MATEUS LIMA NEVES**

**A SUBJETIVIDADE HOMOAFETIVA EM  
“SARGENTO GARCIA” E “AQUELES DOIS”, DE  
CAIO FERNANDO ABREU.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Letras/Português da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito para obtenção do título  
de Licenciatura em Letras/Português.

Aprovada em: 19/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Rogério Fernandes dos Santos**  
(Orientador) Universidade Estadual da Paraíba

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

**HELIO SANTIAGO RODRIGUES ABDALA**  
Data: 26/06/2024 10:29:12-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Hélio Santiago Rodrigues Abdala**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente

**gov.br**

**KLEYTON RICARDO WANDERLEY PEREIRA**  
Data: 25/06/2024 21:24:48-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira** Universidade Federal Rural de  
Pernambuco (UFRPE)

“Que queres tu de mim que fazes junto a mim  
se tudo está perdido amor?” (Altemar Dutra).

## Sumário

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	7
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. O ASPECTO HOMOAFETIVO ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS DOS PERSONAGENS</b> .....	9
<b>2.1 A HIPERVALORIZAÇÃO DO DESEJO PELO CORPO MASCULINO</b> .....	11
<b>3. ANÁLISE DOS CONTOS</b> .....	12
3.1 Sargento Garcia .....	12
3.2 Aqueles Dois .....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	23

***A SUBJETIVIDADE HOMOAFETIVA EM “SARGENTO GARCIA” E “AQUELES DOIS”, DE CAIO FERNANDO ABREU.***

*HOMOAFFECTIVE SUBJECTIVITY IN “SERGEANT GARCIA” AND “THOSE TWO”, BY CAIO FERNANDO ABREU.*

**Mateus Lima Neves<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este artigo propõe analisar os contos “Sargento Garcia” e “Aqueles Dois”, da coletânea de contos *Morangos Mofados*, publicado em 1982 pelo escritor gaúcho Caio Fernando Loureiro de Abreu. O objetivo é analisar a narrativa de Caio Fernando Abreu a partir da identidade masculina e o modo de construção da subjetividade homoafetiva. O artigo divide-se em uma descrição teórica acerca do aspecto homoafetivo através das vivências dos personagens; a hipervalorização do desejo pelo corpo masculino. Conclui-se que a presença da homoafetividade nos dois contos adotam diferentes aspectos. Em Sargento Garcia a relação homoafetiva figura-se explicitamente, enquanto “Aqueles Dois” a relação homoafetiva é sugerida. Em comum a ambos as narrativas está a presença estrutural da homofobia e gerenciamento dos afetos por parte da sociedade patriarcal.

**Palavras-chave:** homoafetividade, subjetividade, homossexualidade.

**Abstract.** This article proposes to analyze the short stories “Sergeant Garcia” and “Those Two”, from the short story collection *Morangos Mofados*, published in 1982 by the Gaucho writer Caio Fernando Loureiro de Abreu. The objective is to analyze Caio Fernando Abreu's narrative from the perspective of male identity and the way homoaffective subjectivity is constructed. The article is divided into a theoretical description of the homosexual aspect through the characters' experiences; the hypervaluation of desire for the male body. It is concluded that the presence of homoaffectivity in the two stories adopts different aspects. In Sergeant Garcia the same-sex relationship appears explicitly, while in “Those Two” the same-sex relationship is suggested. In common in both narratives is the structural presence of homophobia and the management of affections by patriarchal society.

**Keywords:** homoaffectivity, subjectivity, homosexuality.

---

<sup>1</sup> Licenciando em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba (Campus VI) - Poeta Pinto do Monteiro. [mateus.neves@aluno.uepb.edu.br](mailto:mateus.neves@aluno.uepb.edu.br)

## **AGRADECIMENTOS**

Na finitude dessa vida, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que agregaram em mim de maneira grandiosa para a realização deste trabalho. Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu professor/orientador Rogério Fernandes dos Santos, pela orientação e o apoio acadêmico. A querida professora e Mestranda Adriana Gregório PPGFP-UEPB.

A minha mãe pela admiração de sua força. A todos (as) em que presto afeição: Alexandra Freitas, Ralinne Prata, Maria Luzineide, Luane Vasconcelos, Katia Rosane, Janaelson Laurindo, Regina Paula, Luciane Nunes, Lara Moura, Roberto Laurindo, Valéria Salvador. Em especial Fernanda Gabriely de Oliveira e Maria Cássia Sousa de Andrade que estiveram comigo durante essa jornada acadêmica, diante o incentivo e contribuições nos momentos desafiadores.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão, a vida e tudo o que é dela, as aprendizagens e evolução enquanto crescimento e maturidade, as referências bibliográficas que foram o suporte para este trabalho.

## 1. INTRODUÇÃO

No campo literário brasileiro, Caio Fernando Abreu<sup>2</sup> caracteriza-se por uma produção ligada a temas urbanos e políticos<sup>3</sup>. Sua escrita explora assuntos como a marginalidade, a sexualidade e as complexidades das relações humanas. Este artigo visa discutir e analisar o tema da homoafetividade presente em dois contos da coletânea *Morangos Mofados* publicada em 1982.<sup>4</sup> “Sargento Garcia” e “Aqueles Dois”, se destacam por apresentar com sensibilidade e ousadia questões de identidade, desejo e busca por conexão em meio à repressão social e pessoal.

O presente artigo justifica-se por tratar da abordagem literária dada por Abreu ao universo homoafetivo durante o período de redemocratização. Por conseguinte, tem como proposta empreender uma leitura crítica-analítica desses contos, expondo a experiência dos personagens desafiando normas sociais e pessoais, interligados a uma crítica de opressão e preconceitos, estruturas ainda tão presentes na contemporaneidade. Tencionamos um estudo de modo comparativo entre os dois contos, evidenciando como ilustram a intimidade e a complexidade das relações humanas em contexto de adversidade.

Ao analisar “Sargento Garcia”, uma história de atração entre dois homens em um ambiente militar e repressivo, a homoafetividade é mais visível quando a escrita tem em transparência emoções mais abertas como a representação da figura do corpo masculino sendo um símbolo de desejo e prazer. Por sua vez, “Aqueles Dois”, apresenta uma narrativa de uma amizade e do amor implícito entre dois colegas de trabalho em um escritório. A homoafetividade surge como um viés subjetivo, ora, uma relação atribuída por emoções e desejos, mas caracterizadas de maneira duvidosa, silenciosa. Em um cenário em que se preserva a moral e os bons costumes, a homossexualidade surge como uma espécie de anomalia. É esse

---

<sup>2</sup> Caio Fernando Abreu pertence àquele conjunto de autores denominados “urbanos”, sua obra segue uma tradição iniciada no Rio Grande do Sul, nos anos 30, no seio do processo de industrialização e do movimento político que consagram a hegemonia das cidades sobre o campo. (Autores Gaúchos, 1995, p. 16).

<sup>3</sup> Este, porém, nascido em 1948, é contemporâneo da geração que assiste ao golpe militar de abril de 1964, à repressão dos movimentos estudantis de 68, à cassação dos direitos políticos com o AI-5, à tortura, à direção autoritária da vida nacional, responsável por um novo surto industrial e modernizador voltado para a produção de bens altamente sofisticados, beneficiando setores minoritários da sociedade brasileira, excludente portanto. (Autores Gaúchos, 1995, p. 16).

<sup>4</sup> “Os Morangos”, frutas vermelhas e sumarentas. Como resposta ao mundo desumanizado do asfalto, agora predomina uma espécie de claro desafio, de afirmação de identidade, a partir da liberação consciente daqueles impulsos originais esboçados desde inventário irremediável. (Autores Gaúchos, 1995, p. 18).

ambiente que Caio Fernando Abreu se propõe analisar.

Objetiva-se analisar o papel da homoafetividade na caracterização dos personagens nos contos “Sargento Garcia” e “Aqueles Dois”, ressaltando como essa temática contribui para o desenvolvimento das narrativas e dos conflitos apresentados.

E como objetivos específicos: examinar a construção homoafetiva através das vivências dos personagens, investigar a representação da homossexualidade e da intimidade, refletir sobre a hipervalorização do desejo pelo corpo masculino levando em consideração o contexto da época ao qual faz presente a denúncia da homofobia.

O presente artigo tem como modelo qualitativo de pesquisa a revisão bibliográfica, apoi-me para essa pesquisa e trabalhei os seguintes autores: “A linguagem e as representações da masculinidade (Alves 2004)”; “Bagoas-Estudos Gays: gêneros e sexualidades, (Junqueira 2012)”; Uma vaga promessa: aspectos do erotismo em contos de Caio Fernando Abreu” (Souza 2014).”

## **2. O ASPECTO HOMOAFETIVO ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS DOS PERSONAGENS**

Em “Sargento Garcia” é possível observar a formação dos sentimentos homoafetivos apresentados de maneira explícita e direta, quando as descrições evidenciam a vida de um sargento em convivência militar em um ambiente marcado pela tensão e repressão. Logo apaixona-se por um garoto chamado Hermes despertando fortes emoções por este rapaz. O perfil desse sargento como afirma Thais Souza é a de:

Um homem que exige ordem e disciplina, exalando masculinidade e recriminando qualquer atitude que não seja ostensivamente viril. Por outro, um íntimo conhecido de Isadora, um homossexual de longa data, cujo nome remete ao patético inimigo de Zorro, um gordo e fracassado policial, incapaz de derrotar o herói mascarado que protagoniza a história do gibi e da televisão. (Souza, 2014, p. 39-40).

É interessante pensarmos como é idealizada a relação homoafetiva construída pelos personagens principais durante a trama, o Garcia<sup>5</sup> considerado o “homem macho”, que possui toda uma virilidade marcada de força, determinação, presença e que faz uso de uma certa

---

<sup>5</sup> “Tudo estremece com o estalar do chicote do sargento, até mesmo o retrato do marechal Castelo Branco na parede. Evidentemente a violência daquele homem atinge apenas o retrato do militar, nunca o indivíduo Castelo Branco ou o poder que ele representa. Ao contrário, tal chicote remete ao autoritarismo do regime do comando pelo general e que submete todos naquela sala, inclusive o sargento.” (Souza, 2014, p. 43).

performance para ocultar as suas vontades e desejos homossexuais. Hermes<sup>6</sup> jovem garoto de classe média que tinha um patamar de vida diferente dos outros homens<sup>7</sup>, personagens estes secundários que se faziam presentes no quartel. Isadora<sup>8</sup> sendo essa uma travesti. Estes personagens fazem com que o leitor pense a homossexualidade<sup>9</sup> em um conceito de diversidade. Embora o personagem Garcia seja preferencialmente aquele homem que possui uma sexualidade regada pelo secreto. Como ainda aponta Thais Souza:

Evidentemente, a condição de ridículo do personagem não se deve a sua homoafetividade. Mesmo porque o pastiche parece se limitar ao nome do Sargento e na inevitável comparação com o personagem da série americana dos anos 1950. De resto, o conto encena uma vivência trágica em diversos sentidos. Em um primeiro momento, há uma profunda crítica à sociedade brasileira que, ao longo da ditadura militar e ainda nos dias de hoje, condena o homossexualismo. (Souza, 2014, p. 40).

Em “Aqueles Dois” a presença da homoafetividade dos personagens principais Raul e Saul<sup>10</sup> destaca-se por uma relação dos dois amigos que possuem uma demonstração de afetos de forma delicada e cuidadosa. A idealização do desejo e prazer desperta no leitor certas dúvidas sobre se realmente existe uma vontade entre os dois de se tocarem, se sentirem, se amarem ou não passa de uma amizade de proximidades e intimidades.

O cenário marcado por preconceito e discriminação tornando-se assim visível sobre a relação dos dois em contexto a homofobia<sup>11</sup>, levando-se em consideração que qualquer ato de afetividade sairia por total desconfiança. A homofobia acontece no desenrolar da história dos personagens. Para tais afirmações Junqueira esclarece:

A íntima relação entre homofobia e normas de gênero tanto se traduz em noções, crenças, valores, expectativas, quanto em atitudes, edificações de hierarquias opressivas e mecanismos reguladores discriminatórios. Assim,

<sup>6</sup> -HERMES- o rebenque estalou contra a madeira gasta da mesa. Ele repetiu mais alto, quase gritando, quase com raiva; -Eu chamei Hermes. Quem é essa lorpa? (Abreu, 1985, p. 71).

<sup>7</sup> Os homens riam livremente, agora. Podia ver, à minha direita, o alemão de costela quebrada, a ponta quase furando a barriga sacudida por um riso banguela. E o saco murcho do crioulo parrudo.” (Abreu, 1985, p. 72).

<sup>8</sup> “Uma mulher finíssima, má-ravilhosa, a minha ídola, eu adoro tanto que adotei o nome.” (Abreu, 1985, p. 82).

<sup>9</sup> O termo perde preferência de uso devido ao sufixo -ismo-, que dá conotação negativa, perjorativa.

<sup>10</sup> “Acontece porém que não tinham preparo algum para dar nome as emoções, nem mesmo para tentar entendê-las. Não que fossem muito jovens, incultos demais ou mesmo um pouco burros.” (Abreu, 1985, p. 126).

<sup>11</sup> “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinado por Um Atento Guardião da Moral.” (Abreu, 1985, p. 134).

pode comportar drásticas consequências às pessoas que ousam descumprir os preceitos socialmente impostos em relação ao que significa ser homem e ser mulher. Nesse sentido, a noção de homofobia pode ser estendida para se referir a situações de preconceito, discriminação e violência contra pessoas (homossexuais ou não) cujas performances e ou expressões de gênero (gostos, estilos, comportamentos etc.) não se enquadram nos modelos hegemônicos postos por tais normas. (Junqueira, 2012, p. 8).

## 2.1 A HIPERVALORIZAÇÃO DO DESEJO PELO CORPO MASCULINO

Caio Fernando Abreu também apresenta nos dois contos uma afeição do desejo visto diante do corpo masculino, enfatizado ao contexto erótico. O prazer nasce entre os personagens mesmo que de maneira subjetiva ou afetiva, por meio de toques, sensações, pensamentos. São ressaltados em várias partes da narrativa em “Sargento Garcia”, as descrições que evidenciam o enaltecimento do pênis feitas pelo personagem Hermes descrevendo o tamanho do pênis do personagem Garcia.<sup>12</sup> Pela idealização do prazer e admiração nas características da virilidade, submissão e medo. Como afirma Alves:

Como se vê, são valorizados os símbolos associados ao homem ativo, barbado e viril. Por ótica, seria desonroso, entre outras coisas: falar baixo e mole, cair de quatro, ajoelhar-se, curvar-se, ficar por baixo e ser ferrado/fodido. Na linguagem prevalente nos discursos masculinos, a derrota está associada à passividade, que, por sua vez, é apresentada como uma característica comum as mulheres e aos homossexuais. Neste sentido, é que se pode entender o dito ajoelhou tem que rezar. (Alves, 2004, p. 27).

Os personagens principais em ambos os contos apresentam-se sendo figuras masculinas que se enquadram no modelo padrão de beleza, em especial a personagem Isadora, que por sua vez vem ressignificar o contexto da narrativa, com essa quebra de padrão situada e performada. O desejo sexual é pautado naquele homem que apresenta-se discreto, que possui virilidade. A construção homossexual é retida na perspectiva do ser ativo e dominador, embora a posição que o personagem Hermes se encontra é de passivo, que os outros dois personagens Raul e Saul de “Aqueles Dois” não demonstraram contatos sexuais em termos de penetração.<sup>13</sup> Neste sentido ao que descreve Alves:

---

<sup>12</sup> Pegou minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei. E inchou mais. Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas. Meu primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha. O vento descabelava o verde da Redenção, os coqueiros da João Pessoa. Mariquinha, maricão, qui-a-quiá-quiá. E não, eu não sabia.” (Abreu, 1985, p. 81).

<sup>13</sup> Penetração sexual, ato de um penetrar o outro como é demonstrado nitidamente no conto “Sargento Garcia”.

Os valores masculinos são identificados da mesma forma. No mundo falocêntrico, isto é verdade, como mostram todos os palavrões que desqualificam aqueles que são penetrados: tomar no cú, tomar no rabo, se foder, bota pra foder, foda-se, levar porra e chupa aqui (boquete). (Alves, 2004, p. 28).

### 3. ANÁLISE DOS CONTOS

Esta seção do artigo busca analisar “Sargento Garcia”<sup>14</sup> e “Aqueles Dois”<sup>15</sup>, de Caio Fernando Abreu, em uma abordagem crítica-analítica a partir de uma discussão em torno da homoafetividade.

#### 3.1 Sargento Garcia

Em “Sargento Garcia”, apresenta-se como contexto a vivência de dois personagens principais chamados Hermes e Garcia, que possuem um perfil distinto um do outro. A narrativa inicialmente ocorre pelos acontecimentos dentro de um quartel militar isso é perceptível nos primeiros fragmentos do conto. “-Sou eu, meu sargento. Repita. Os outros olhavam, nus como eu.” (Abreu, 1985, p. 71). Essa passagem inicial situa os leitores sobre o ambiente trazendo algumas descrições dos personagens. Como descreve Thais Souza:

Em “Sargento Garcia” a estrutura cinematográfica pressupõe uma sequência cronológica clara e a fragmentação aparece na organização narrativa através dos recursos próprios do cinema moderno: o olhar do narrador que age como uma câmera, focalizando detalhes do corpo dos outros personagens, flash-backs e closes. (Souza, 2014, p. 41).

A virilidade dos corpos masculinos é bem evidenciada desde o início da narrativa, ao fazer determinadas observações o narrador-personagem Hermes descreve: “entre o cheiro de bosta quente de cavalo e corpos sujos de machos. De repente, mais nu que os outros, eu; no

---

<sup>14</sup> Apresenta-se sobre as entrelinhas do conto uma referência musical do cantor Altemar Dutra: “Que Queres tu de Mim” de (1964), uma canção romântica que fala sobre desejos e sentimentos. Mencionada na narrativa nas páginas 83 e 84 pela personagem travesti Isadora que expressa o acontecimento sobre o ato sexual em performance vivida pelos personagens Hermes e Sargento Garcia.

<sup>15</sup> Caracteriza-se uma intertextualidade de canções presentes na narrativa: Tú Me Acostumbraste, Noche de Ronda. E Nossas Vidas cantada por Dalva de Oliveira. Com traços marcantes de saudade, melancolia e solidão vividos pelos personagens Raul e Saul. É importante destacar a menção do filme Infância (versão de 1961), atribuída a narrativa, onde o autor Caio Fernando apresenta a relação cinematográfica com a literatura. Filme este que conta a história de “duas professoras” que vivenciam e enfrentam o preconceito diante a liberdade sexual, o que aproxima ainda mais a relação de Raul e Saul no ambiente homofóbico.

centro da sala.<sup>16</sup> O suor escorria pelos sovacos. (Abreu, 1985, p. 71). Ao diálogo que surge entre os personagens Hermes e o sargento Garcia nota-se uma posição que aparenta ser de robustez quando o próprio sargento começa a analisar o garoto Hermes fazendo-lhes perguntas peculiares. Ao decorrer da narrativa o Sargento Garcia deduz seus apontamentos dizendo-lhes “-Mocinho delicado, hein? é daqueles bem-educados, é? Se te pego num cortado brabo, tu vai ver o que é bom pra tosse, perobão.” (Abreu, 1985, p. 73).

Neste sentido é possível notar que o sargento Garcia tem “desejo” diante do corpo do Hermes, sobre aquilo que estava sendo visto, o que chamou-lhe mais atenção, o que diferenciava-o dos outros homens nus que estavam no lugar junto a ele. A se pensar na masculinidade do Hermes como uma figura apreciada naquele exato momento. Ele totalmente nu, ali sobre o seu olhar, em questão da sua bunda nua, seu pênis exposto como algo visto, almejado e endeusado. A medida em que o diálogo é desenvolvido na narrativa, Garcia prolonga-se em questionar o jovem, simultaneamente observa-se um pensamento do qual o próprio Hermes se expressa:

Meu sargento, me dá assim como um nojo doce, a noite inteira, todas as noites, todo o verão, vezenquando saio nu na janela com uma coisa que não entendo direito acontecendo nas minhas veias, depois que abro As Mil e Uma Noites e tento ler, meu sargento sois um bom dervixe, habituado a uma vida tranquila, distante dos cuidados do mundo, na manhã seguinte minha mãe diz sempre que tenho olheiras, bate na porta quando vou ao banheiro e repete repete que aquele disco da Nara Leão é muito chato, que eu deveria parar de desenhar tanto, porque já tenho dezessete anos e nenhuma vergonha na cara, meu sargento, nenhum amigo, meu sargento, só esta tontura seca de estar começando a viver, todas as manhãs, meu sargento, para todo sempre, amém. (Abreu, 1985, p. 75).

Identifica-se a presença solitária de um jovem rapaz que nunca se envolveu sexualmente com ninguém, sentimentos presos, coisas da juventude, essa colocação de “não ter nenhum amigo.” De não ter como se abrir, conversar, trocar uma ideia.

No decorrer da narrativa o sargento questiona qual a posição social do jovem Hermes, e como resposta ele logo atribui seus problemas de saúde aos quais possui, significativamente se desdobra em uma mentira, mas que por sinal o ajudou e muito. Uma tensão ocorre no ambiente: “Uma corrente tensa percorreu os outros. Esperei que atacasse novamente. Ou risse. Tornou a me examinar, lento, Respeito? Ou pena? O olhar se deteve, abaixo do meu umbigo.” (Abreu, 1985, p. 76). É possível então, afirmar o desejo intenso pelo garoto que apreciava o que se tinha “abaixo do meu umbigo”, neste caso, o seu pênis.

---

<sup>16</sup> Nu, assim como os outros rapazes, o protagonista se vê exposto ao olhar do sargento, que aproveita da fragilidade de seus futuros subordinados para exercer sua crueldade. (Souza, 2014, p 41).

Em decorrência dessa conversa o sargento tem como proposta dispensar o jovem dos seus serviços enaltecendo a sua índole, comportamento e dedicação em uma visibilidade que o coloca acima dos outros homens que estavam com eles acentuando certo aspecto de superioridade “-Pois seu filósofo, o senhor está dispensado de servir a Pátria. Seu certificado fica pronto daqui a três meses. Pode se vestir.” (Abreu, 1985, p. 76) Ocasionalmente o sargento libera-o. “-E vocês, seus analfabetos, criem vergonha nessas caras porcas e mirem-se no exemplo aí do moço.” (Abreu, 1985, p. 76) enfatiza o reforço que ao contexto da época prestar pré-vestibular, ter um grau de estudo seria uma vantagem muito a mais significativa. Como identifica-se:

Há outras relações de poder em jogo na cena. Hermes é, nas palavras de Garcia, um “mocinho delicado”, daqueles bem-educados” (Abreu, 2005 c, p. 81), ou seja, um menino de classe média cuja família consegue proporcionar conforto e segurança, fazendo com que ele, inclusive, seja dispensado do serviço militar obrigatório. Essa não é a realidade dos outros homens ali, “analfabetos” que “vão continuar pastando que nem gado até a morte” (Abreu, 2005 c, p. 84), como afirma o sargento. (Souza, 2014, p. 45).

Em outro momento da narrativa, ao qual o jovem Hermes sai do quartel militar descreve-se “Meu corpo inteiro nunca tinha parecido tão novo.” (Abreu, 1985, p. 77). Essa ideia de renovação é entendida como uma libertação diante o seu medo reprimido naquele lugar com outros homens, que o prendia da sua visão de vida de que talvez nunca seria feliz ali, esse conceito de reprimir-se a algo social como o sistema militar. E nesse exato momento o sargento faz questão de acompanhá-lo com o seu carro. “-o Chevrolet antigo parou do meu lado. Como um grande morcego cinza.” (Abreu, 1985, p. 77).

O sargento apresenta-se como a imagem do esteriótipo do homem másculo e bruto que ocupa um alto patamar social, que impunha ordens e presta os seus serviços, de um “macho” que é possuidor de todo domínio, que passa uma imagem de ser viril, o “macho” hétero-cis-normativo na representação que tudo pode e tudo depende da sua maneira de agir. E que se esconde justamente através dessa projeção para a sociedade, não demonstrando seus outros desejos, suas escolhas, suas atrações sexuais ao que se difere do conceito padrão.

Estariam agora um ao lado do outro, dentro de um carro em movimento, a sós e como o Hermes<sup>17</sup> o via teria mudado completamente sobre o reflexo inicial e anteriormente apresentado:

---

<sup>17</sup> Dessa forma, a cena insere a tal vivência íntima em um contexto autoritário, tendo em vista que ele inicia-se no prazer com um militar que o agride tanto publicamente quanto no quartel.

Não era mais leão, nem general, nem espartano. A voz macia, um homem comum sentado na direção de seu carro. Tirei do bolso a caixinha de chicletes, abri devagar, sem oferecer. Mastiguei. A camada de açúcar partiu-se, uma coisa gelada abriu minha garganta. Engoli o vento.” (Abreu, 1985, p.78). Esse detalhamento do mascar o chiclete, da tranquilidade que teria surgido, de uma observação mais íntima sobre o sargento. GRIFO NOSSO.

Com o passar do tempo ocorreu o que foi previsto: o sargento Luiz Garcia de Souza passa a “seduzir” o jovem Hermes facilitando assim em um desenlace profundo e delicioso do desejo que surgia. “Estendeu a mão. Achei que ia fazer uma mudança, mas os dedos, desviaram da alavanca para pousar sobre a minha coxa.” (Abreu, 1985, p. 80). Um homem experiente como Garcia que se apropriava das suas emoções internas despertando no jovem Hermes novas aventuras. Essa relação descreve justamente a reflexão ao que se é posto socialmente, de que o ser homem tem que ser “macho” ter sua vida sexual ativa ao padrão da heteronormatividade e ter por instinto selvagem atitudes. “A mão quente subiu mais, afastou a camisa, um dedo entrou no meu umbigo, apertou, juntou-se aos outros, aranha peluda, tornou a baixar caminhando entre as minhas pernas.” (Abreu, 1985, p. 81). Neste contexto da narrativa inicia-se os primeiros atos de toques, e atrações entre ambos os corpos.

Os desejos tornaram-se fluidos e prazerosos e Garcia sabia exatamente o que o Hermes tanto procurava partiu-se exatamente do ápice esquecendo da sua posição viril de machão e agora Hermes sentiu:

“Pegou minha mão. Conduziu-se até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei. E inchou mais. Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas.” (Abreu, 1985, p. 81). Sobre essa fala do personagem Hermes compreende-se o contexto diante as relações humanas tanto heteronormativas e principalmente homossexuais que enaltecem o tamanho, grossura, e espessura de um pênis, do órgão genital masculino, centralizado como um recurso de poder e desejo, é algo que apresenta-se como um endeusamento e necessariamente uma marca de importância atribuída simbolicamente para as questões sexuais. GRIFO NOSSO.

O desejo do jovem Hermes tem como objetivo desfrutar da presença do Garcia logo que ele nunca se teve na vida uma experiência sexual, uma sacanagem e afins e descobrirá o paraíso assim a ser pensado. O que em si é bastante cobrado em cima da figura do homem na sociedade também, aquele que tem que se apresentar como uma “máquina sexual”, e além do mais ter um membro grande, “pau grande”, mostrar aptidão diante as relações sexuais, aparentemente ser como as indústrias do pornô apresentam.

Aconteceria por conseguinte a vontade do sargento e do jovem desfrutar do desejo de maneira secreta, o que acontece muito em alguns encontros casuais.

Vontade de parar, mas tinha um andar incontrolável nas pernas, a cabeça em várias direções, subindo a ladeira atrás dele, tu sabe como é, tem sempre gente espiando a vida alheia, melhor eu ir na frente, no portão azul, vem vindo devagar, como se não me conhecesse, como se nunca tivesse me visto em toda a tua vida.” (Abreu, 1985, p. 82).

Essa representação do medo de dois homens serem notados publicamente demonstrando certos afetos, essa complexidade social marcada por estigmas preconceituosos. O sargento leva o jovem para um lugar que se sente à vontade e chegando lá já é reconhecido pela atendente que tem por nome Isadora<sup>18</sup> sendo essa uma travesti e uma das personagens da narrativa. “- Conhece a Isadora? A mão molhada, cheia de anéis, as longas unhas vermelhas, meio descascadas, como a porta. Apertei. Ela riu.” (Abreu, 1985, p. 82).

O Garcia ainda reforça a Isadora que seria a primeira vez do rapaz em uma dessas experiências o que por sinal ele já era reconhecido no local, e sim levaria todos os rapazes que transava para lá a Isadora reflete “- Nossa. Taludinho assim. E nunca fez, é? Nunquinha? – A mão no meu obro, pedra de anel arranhando leve no meu pescoço. Revirou os olhos.” (Abreu, 1985, p. 83) Percebe-se então esses termos que o Hermes já era um rapaz e que intencionalmente chama atenção por não ter tido sua primeira transa<sup>19</sup>, relação sexual.

Aconteceria o que tanto se esperava diante a trama, o ato sexual. “O sargento me empurrou. Entre a farda verde e o robe cheio de manchas, imprensado no corredor estreito, eu. Isadora cantava, *que queres tu de mim que fazes junto a mim se tudo está perdido amor?* Um ruído seco, ferro contra ferro.” (Abreu, 1985, p. 83) esses detalhes da narrativa aproximam-se a um momento de sensações que colocam em evidência um jovem com características másculas, traços masculinos, ao contexto do padrão heteronormativo “virgem” que desempenha a função de ser passivo para o sargento Garcia. E a canção de Altamar Dutra representada pela Isadora conceitua uma simbologia especial do ato, do sexo. GRIFO NOSSO.

Partindo para o final da narrativa as descrições do jovem Hermes produzem para o leitor

<sup>18</sup> Uma Travesti que modifica totalmente o cenário narrativo; “Como em diversos outros textos do autor gaúcho, há uma trilha musical que dá o tom da história e apresenta-se como um contraponto importante para os eventos narrados. Nesse caso, o bolero é onipresente na cena, indicando que a entrega amorosa teria sido profundamente dolorosa e prenunciadora de sofrimentos futuros.” (Souza, 2014, p. 33).

<sup>19</sup> Socialmente espera-se que o homem tenha início a sua vida sexual logo cedo, ao contrário do personagem Hermes que nunca teria feito ainda, e estava em descobrimento do seu corpo e das questões sexuais.

a intensificação do termo homossexual “Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia. Os olhos dele se contraíram. -Tira a roupa.” (Abreu, 1985, p. 84). Essa voz brutal do seu macho mandando sobre ele, da continuidade que viria a posição de ser dominado por aquele homem que apresentava ser hétero no início da narrativa e agora estaria junto a ele, corpo a corpo “pau com pau”, a ideia de medo contida em seu ser e o nojo também são pontos significativos dessa construção diante as identidades dos mesmos personagens, ora o jovem Hermes estava se descobrindo ainda.

Punhal em brasa, farpa, lança afiada. Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Empurrou gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida, há muitos anos, uma caverna secreta.” (Abreu, 1985, p. 84). Neste sentido é possível afirmar a inocência do rapaz, e a pureza do seu corpo no sentido da virgindade, e agora aquele mastro o rasgava inteiro e ele sentia o prazer se deliciando na dor e no momento, criando expectativas e sentimentos para com o seu sargento. GRIFO NOSSO

“Quis empurrá-lo outra vez mas, entre o pensamento e o gesto, ele juntou-se ainda mais a mim, e depois de um gemido mais fundo, e depois de um estremecimento no corpo inteiro, e depois um líquido grosso morno viscoso espalhou-se pela minha barriga. soltou o corpo. Como um saco de areia úmida jogado sobre mim.” (Abreu, 1985, p. 85). O gozo aconteceu, foi jorrando da fonte com todo o prazer possível o sargento Garcia obteve como sucesso mais uma vítima de sua persuasão, depois do gozo o sentimento de alívio.

Depois do ato sexual ter sido consumado, o narrador já não se sente mais inexperiente, pois sua vida sexual havia começado. Essa passagem se manifesta na natureza, já que, progressivamente, a noite passa a se sobrepor ao dia. A imagem construída no conto demonstra que não apenas o limite que o pôr do sol representa havia sido ultrapassado, como também aquele que separava Hermes das vivências eróticas. (Souza, 2014, p. 52).

A narrativa esclarece o conceito entre o homossexualismo colocando-se pontos específicos e reais de relações que acontecem diariamente na sociedade, homens que se dizem héteros mas no oculto possuem desejo por outros homens, o Jovem Hermes como uma figura que inicia sua primeira experiência sexual com outro homem e ao voltar para casa o rapaz reflete com vários sentimentos do que tinha acontecido, teria se encontrado feliz ou sentido culpa, ou seria apenas um contato entre dois homens por curiosidade e prazeres sem a necessidade de um rótulo “Queria dançar sobre os canteiros, cheio de uma alegria tão maldita que os passantes jamais compreenderiam. Mas não sentia nada. Era assim, então. E ninguém me conhecia.” (Abreu, 1985, p. 86).

### 3.2 Aqueles Dois

O conto “Aqueles Dois”,<sup>20</sup> revela a complexidade da relação de dois amigos que compartilham momentos de intimidade e cumplicidade. A narrativa apresenta a importância de aceitação e resistência contra o preconceito e opressão. A compreensão repassada aos leitores é que se percebe uma sensível relação afetuosa e conseqüentemente marcada pelo silêncio entre os personagens chamados Raul e Saul, identificando-se a presença da homofobia<sup>21</sup> que é praticada por aqueles que estão em sua volta, ou seja, no local onde trabalham. Diferentemente do que ocorre em “Sargento Garcia”, como descreve Thais Souza:

Como em “Sargento Garcia” em que as figuras tipicamente marcadas da travesti Isadora e do “gay durão” Garcia apresentam-se como contrapontos da sexualidade em construção do menino Hermes. O que determina a manifestação dessa atração física é a semelhança entre os parceiros que se atraem justamente pelos traços marcadamente masculinizados que veem no corpo do outro e reconhecem na sua própria constituição física. (Souza, 2014, p. 206).

Sendo estes personagens principais, que possuem uma vida rotineira e de um trabalho bastante cansativo, considerando-se uma amizade que se forma por semelhanças ao que se percebe que ambos passaram por decepções amorosas partindo de solidões compartilhadas. A narrativa é observada em terceira pessoa descrevendo a relação em detalhes que marcam a sala de trabalho como um lugar principal. O aspecto homoafetivo surge, quando por algumas percepções relatam-se a proximidade e sentimentalismo apresentada pelos dois.

É perceptível como os fragmentos iniciais da narrativa condizem com a ideia de “solidão” que se faz presente em todo o conto, em um raciocínio que também pontua a identidade do ser homossexual como alguém solitário.” GRIFO NOSSO. “Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do norte, do sul, do centro, do leste- e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especificamente diferentes.” (Abreu, 1985, p. 128).

<sup>20</sup> “Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os testes. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer Saul, depois como é mesmo o seu nome? Sorrindo divertidos da coincidência.” (Abreu, 1985, p. 127).

<sup>21</sup> No conto de Morangos mofados, os sentidos da homofobia de que os personagens são vítimas é invertido, pois, a despeito do preconceito que sofrem, a infelicidade não está associada aos protagonistas. Raul e Saul são o exato oposto da mesquinhez que caracteriza as outras pessoas do “deserto de almas” em que trabalham: altos, belos e dignos, possuem um gosto artístico refinado e uma sensibilidade incomum.” (Souza, 2014, p. 24).

Dois rapazes que tinham uma beleza única<sup>22</sup> e referencial dentro do padrão e apreciação dos que estavam em sua volta, causando um certo estranhamento sobre a amizade que possuíam o que se era notável dentro do ambiente de trabalho, ao que se é elevado socialmente de dois amigos homens demonstrarem afetos entre si ou conviverem em uma proximidade a mais do que se é vista já. Como afirma Thais Souza:

No entanto, não se tratavam apenas de semelhanças físicas, mas, sobretudo, intelectuais. Ambos gostavam dos mesmos filmes e das mesmas músicas, desprezavam a mediocridade dos outros funcionários do local de trabalho na mesma medida, sentiam-se igualmente sozinhos e encontraram, nessa profunda amizade, um amparo para a sensação de total deslocamento no “deserto de almas”, em que trabalhavam. (Souza, 2014, p. 207). Esse tecer narrativo pontua esclarecidamente que diante aqueles dois homens ocorria na visão de muitos algo a mais, e que possivelmente surgiria uma paixão, um amor demarcado pelo acolhimento entre eles, em uma construção natural pela a troca de afetos, e exatamente por isso em uma relação de carências e para com o desejo dos corpos, entre o contexto físico e emocional. GRIFO NOSSO.

Emoções experienciadas pela constância do silenciamento entre eles, de uma afetividade ocultada por marcas da sociedade através do aspecto repressivo. O que pontua-se a confirmação homofóbica entre os espaços da trama, Raul e Saul<sup>23</sup> tinham sobre eles julgamentos diversos pelos seus comportamentos enquanto a amizade que conduziam. Ao que nos diz Thais Souza:

Raul e Saul compartilham interesses literários, musicais e filosóficos, discutindo longamente sobre esses assuntos. No entanto, o contato erótico não se efetiva e, ao que parece, a semelhança e a superioridade do jovem casal independe do contato sexual que eles tiveram ou viriam a ter. São superiores à mediocridade dos colegas de repartição que, devido à homofobia, o preconceito e à estreiteza de pensamento rejeitam a amizade entre eles. (Souza, 2014, p. 209).

Mas apesar de se encontrarem em um ambiente ameaçador sustentavam um elo de desejos e cuidados, algo que despertavam neles sentimentos que os conectavam em uma dimensão que era só deles.

<sup>22</sup> “Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor, mais frágil, talvez pelos cabelos claros, cheios de caracóis miúdos, olhos assustadiços, azul desmaiado. Eram bonitos juntos, diziam as moças.” (Abreu, 2014, p. 128).

<sup>23</sup> “Cruzavam-se, silenciosos mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas casas.” (Abreu, 1985, p. 129).

“... abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada.” (Abreu, 1985, p. 133). Essa questão do vínculo emocional e recíproco de dois amigos intimamente parados no tempo um confortando o outro por um olhar homoafetivo que surgirá, de dois corpos no espaço que pelo instinto sabiam das necessidades entre eles, do carinho, uma amizade que se tornou uma paixão. GRIFO NOSSO.

Observa-se também a idealização poética e erótica do conto, de como as ações formam suposições aos leitores de que talvez eles estavam realmente a manter algo mais aprofundado que uma amizade.

Dessa identificação de conhecer o corpo um do outro e admirar. Em um ponto relevante do conto destaca-se: “... Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupas, outro no sofá.” (Abreu, 1985, p. 134).

Não aconteceu entre os dois personagens o ato sexual. A subjetividade homoafetiva é sugerida e se esclarece pelos desejos e sentimentos entre os personagens, não houve neste sentido o contato sexual entre os corpos, como foi apresentado no conto “Sargento Garcia”, embora os rapazes tiveram o seus momentos juntos, do toque de carinho, atenções, não obteve-se o ato de penetração, o sexo como representação do desejo gay. “Ainda que em “Aqueles dois” o ato sexual não se concretize, a beleza de Raul e Saul também reside na semelhança entre ambos, como se um completasse o outro.” (Souza, 2014, p. 211).

Por demonstrarem sensibilidade um com o outro teriam como gatilho a opressão social da época, dos preconceitos enraizados e destinados a formular que aquilo que sentiam era absolutamente abominável e desconsiderado por todos. E foram demitidos dos seus trabalhos por suposições que comprovam o gesto da homofobia interligada a um determinado modelo padrão social da “moralidade.” Em termos a esse conceito apresenta Thais Souza:

Eis um componente marcante no homoerotismo descrito por Caio Fernando Abreu: constituir-se por meio do espelhamento, como uma espécie mais elevada de encontro amoroso que se dá entre pares, seres semelhantemente superiores. Em todo caso, vale reforçar que nem sempre tal semelhança consistirá em uma efetiva relação erótica. Em grande parte dos contos em que essa temática aparece, o desejo se limitará apenas a uma promessa de satisfação. Promessa que não se cumpre quer seja por conta da violência da sociedade homofóbica. como em “Terça-feira gorda”, ou do pavor de que o amigo pudesse “tocar num lugar tão escondido e perigoso que eu não podia permitir” (Abreu, 2005b, p. 82) que leva o narrador de “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” a matar seu primeiro grande amor.

(Souza, 2014, p. 212).

O desejo homoafetivo anulado pelo impedimento da expressão livre do amor entre as pessoas do mesmo sexo, medos pessoais da intimidade ou da exposição dos sentimentos. O homoerotismo explorando as complexidades e os desafios enfrentados diante a violência presente na sociedade. Tornando a homofobia como um impasse atravancando a plena expressão e vivência dos personagens como acontece em “Aqueles Dois”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos evidenciar a subjetividade homoafetiva presente nos contos analisados. Debatendo sobre como o comportamento dos personagens principais é pautado por seus conflitos, ora, em “Sargento Garcia” que realiza o contexto homossexual do ser masculino ocultando os seus desejos gays através de sua imagem de autoridade militar, e de um jovem rapaz que ainda não teve a sua primeira experiência sexual, “Aqueles Dois” esclarece a circunstância afetuosa de dois amigos que enfrentam o cenário homofóbico. Por isso é importante o estudo crítico-analítico das narrativas, que contribuem para que o leitor compreenda como a homossexualidade pode ser apresentada de formas diferentes.

Conforme exploramos a complexidade da homoafetividade neste estudo, é crucial reiterar a importância da aceitação e igualdade para as pessoas de todas as orientações sexuais. Promovendo políticas antidiscriminatórias construindo-se uma sociedade mais justa. Pesquisas futuras podem evidentemente analisar com profundidade os modelos de relações homoafetivas e suas afetividades, com a compreensão mais ampla das diversas experiências existenciais.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Autores Gaúchos**. Porto Alegre: Instituto nacional do livro, 1995.

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ALVES, José Estácio Diniz “**A linguagem e as representações da masculinidade**” Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, p. 387-392.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limite e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 2012.

SOUZA, Thais. **Uma vaga promessa: aspectos do erotismo em contos de Caio Fernando Abreu**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

